



LIVRO 39 - O AMOR IMPOSSÍVEL ENTRE LORDE E LANA

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história de Lana, uma cachorra da raça Poodle que se vê raptada da mansão onde morava, deixando muito triste a menina Cecília. Ela conseguiu fugir e foi protegida por Fiote, um menino que catalava latas de alumínio e papelão e que morava na favela. Lá, Lana experimentou várias sensações novas, como perseguir galinhas e patos, esfregar-se na terra, entrar no córrego que passava pela favela, jogar-se na lama. Mas, Lana não gostava do assédio dos cachorros mal educados e atrevidos que moravam na favela e fugiu para a cidade grande. Ela passou a ser uma cachorra de rua. Lá, para se proteger dos outros cachorros de rua, ela preferiu a amizade dos gatos. Mas, seus gestos finos e educados, sempre mostravam que ela era uma cachorra de boa procedência. Entretanto, ela mais parecia uma almofada de lã que se movia, uma vez que não tomava banho e fazia tosa. Os gatos a ajudaram a tomar um banho e fazer tosa em um Pet Shop onde ela conheceu, por uma trombada, Lorde, um cachorro da raça Cocker Spaniel. Os dois tiveram uma paixão à primeira trombada. Um dia os gatos se surpreenderam com avisos colocados nos postes e muros. Os avisos falavam do desaparecimento de Cookie, uma cachorra da raça Poodle. Os gatos reconheceram de imediato que se tratava de Lana. Porém, Lana sumiu. Ela foi recolhida ao abrigo da prefeitura que fazia captura de cachorros de rua. Se não fosse encontrada pelos donos, seria doado. Bigode, um dos gatos, achava que ela poderia virar sabão. Os gatos se mobilizaram para avisar a dona de Lana, ou melhor, de Cookie. A história se desenvolve com um amor de Lana por Lorde e este por ela. Porém, os adultos é que decidem com que cachorro seus cachorros devem acasalar. Assim, o amor de Lana por Lorde se torna impossível. É uma história comovente, com muitos valores, cheia de vida, de alegrias e frustrações, momentos de descontração com as aventuras da gataiada amiga de Lana e os contrastes da vida.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Um lindo sol e um céu alaranjado anunciavam o amanhecer de um novo dia.

O gostoso calor do sol começava a dar vida aos pássaros que acordavam de uma noite muito fria.

Tão logo percebiam o amanhecer, eles voavam para a copa das árvores ou os fios altos dos postes para se aquecer ao sol.

Em agradecimento, eles cantavam sem parar, completando com música este lindo amanhecer.

E assim ficavam, por vários minutos, até que voavam para longe, cada um em uma direção, em busca do alimento do dia.

Nas casas, os homens se preparavam para mais um dia de trabalho e as crianças para mais um dia de aula.

Na construção abandonada de uma casa, os gatos de rua ainda estavam amontoados para se aquecer e acordavam preguiçosos.

No centro do monte de gatos, algo que parecia uma almofada de lã também se movimentava!

‘Mas, o que seria?’.

A vida lá fora ganhava ritmo com os carros, ônibus e muitas pessoas andando depressa.

E os gatos e sua almofada de lã que andava, se espreguiçavam. Eles também tinham que ir em busca de comida.

Olhando mais de perto, podia se ver que a almofada de lã que andava nada mais era que uma cadela fofinha.

Não dava para ver qual era a sua raça. Talvez, fosse da raça poodle ou um simples vira-lata. Mas, seus pelos compridos, sujos e com cores que iam do marrom da terra ao preto de gordura, escondiam sua identidade.

Mas, o que estaria fazendo uma cadela de rua junto com os gatos de rua?

Gatos e cachorros nunca se entenderam!

E lá se foram todos para as ruas, procurando as latas de lixo antes que o lixeiro passasse e levasse todas para o aterro sanitário.

Nas latas de lixo, o grupo de gatos, incluindo a cadela de rua, encontrava de tudo que precisava para o seu café da manhã - pedaços de frango, carne, restos de peixe e até restos de ração de gato e cachorro.

- Lana, venha! Vamos tomar o nosso café da manhã! Disse o seu amigo gato Arrepiado.

Arrepiado tinha este apelido por que ele se arrepiava todo quando era perseguido por um cachorro. Assim, ele conseguia parecer que era maior e, muitas vezes, assustava o cachorro.

Mas, nem sempre este truque dele funcionava e ele tinha que sair em disparada para não receber uma mordida.

Lana, a cadela de rua! Este era o seu nome.

Mas, ainda ficava uma dúvida - Por que uma cadela de rua vivia junto com os gatos e não com os demais cachorros de rua?

E a resposta veio logo à tarde, quando três cachorros de rua encontraram Lana e seus amigos gatos.

Os cachorros colocaram os gatos para correr e cercaram Lana:

- Humm! Mas, que cadelinha mais bonitinha! Dizia um deles.

- Oh! Que gracinha de cachorra! Posso me enrolar nestes seus pelos longos? Insinuava-se outro.

- Você tem algum programa para esta noite? Não quer ficar na porta da churrascaria para jantar comigo? Perguntou outro.

E Lana rosnava e mostrava os dentes para todos eles. Ela não admitia assédio dos cachorros de rua que nem conhecia. Ela não admitia acasalar com quem não amasse de verdade.

Um dos cachorros se atreveu a acasalar com ela e foi imediatamente mordido e repellido.

Enquanto ele sentia a dor da mordida, Lana aproveitou para fugir procurando abrigo na construção.

Quando os cachorros a perseguiram na construção abandonada, os seus amigos gatos se uniam e iam em seu socorro.

Era uma briga daquelas com unhas, miados e latidos.

Entretanto, sempre acontecia dos cachorros se retirarem. Os gatos quando ficavam bravos eram muito assustadores e perigosos para os cachorros.

Assim, Lana preferia viver entre os gatos.

Ela achava os gatos mais delicados, mais educados, com atitudes mais finas. E eram mais limpos. Eles se lambiam todos os dias e estavam sempre limpinhos.

Por esta razão não se encontra gatos de rua sujos!

E os gatos gostavam de Lana porque ela também os protegia do ataque de cachorros, ficando do lado deles.

Ela rosnava e mostrava seus dentes, ficando tão brava que assustava os cachorros. Além do mais, os cachorros não gostavam de brigar com uma cadela.

Uma coisa chamava a atenção dos gatos. Lana era uma cachorra de gestos nobres, finos, falava sempre baixinho, tinha sempre bons conselhos para dar, mostrando que era uma cachorra treinada e educada.

Mas, como ela foi parar na rua? De onde veio?

Um dia, Arrepiado quis saber melhor a história da Lana.

Naquela noite, o grupo se recolheu mais cedo à construção abandonada. Chovia muito. E Arrepiado perguntou:

- Lana, quem é você? Como você se transformou em uma cachorra de rua?

Era uma história tão triste que Lana preferia não contar. Ela simplesmente dizia que foi achada por um menino chamado Fiote, que catava latinhas de alumínio e papelão na rua e morava na favela.

Dizia que, por muito tempo, morou na favela.

Ela gostou muito de morar na favela. Lá ela viu animais que não conhecia, como a galinha, o pato e os porcos.

Ela se divertia correndo atrás das galinhas e dos patos, que fugiam apavorados.

Outra coisa que Lana gostava de fazer na favela era entrar nas águas do córrego que corria entre os barracos e se esfregar na terra.

Ela nunca tinha experimentado estas sensações antes.

O Fiote era um menino muito bom e a tratava muito bem.

À noite, ela dormia com ele em sua cama e gostava do colchão feito com palhas de milho. Antes de dormir, ela e Fiote podiam ver a Lua e as estrelas através dos buracos das telhas de zinco que cobriam o barraco.

Mas, quando chovia, molhava o colchão de palha e os dois tinham que procurar um canto seco do colchão para dormir. No dia seguinte, o Sol secava o colchão novamente.

Fiote e Lana achavam graça da terra molhada que ficava presa entre os dedos dos pés dele e das patas dela.

Fiote, quando almoçava e jantava, deixava sempre sobras no prato, com um pouco de arroz e pedaços de carne e dava para a Lana.

Ela se sentia importante comer no próprio prato de Fiote.

Mas, Lana teve que fugir da favela por causa do assédio dos cachorros que viviam lá. Eles eram muito mal educados e atrevidos!

Assim, ela veio para a cidade grande e fez amizade com os gatos.

- E como começou esta amizade? Quis saber Bigode.

Ele se chamava assim pelos enormes bigodes que tinha, bem maior do que o dos outros gatos.

E Lana explicou:

- Quando eu fugi da favela, eu estava muito perdida na cidade grande. Eu não sabia o que fazer. No início, eu procurava ficar com os outros cachorros de rua. Mas, não me dei bem. Eles brigam por qualquer motivo. Querem acasalar comigo o tempo todo. Um dia, eles estavam perseguindo um velho gato, chamado Malhado. Eu defendi Malhado e não deixei que os cachorros o maltratassem. Malhado ficou meu amigo, começamos a procurar comida juntos. E foi assim que, através de Malhado, eu conheci vocês! Lembram-se?

- Claro que lembramos! Você nos deu o maior susto quando apareceu na construção na companhia do velho Malhado. Disse Arrepiado.

- Ah, o velho Malhado! Ele era muito sábio e era nosso grande líder. Até que um dia, ele foi encontrado morto na avenida. Ele já não conseguia correr dos carros e foi atropelado. Lembrou-se Bigode.

Entretanto, Mimi, a gata mais velha do bando, disse:

- Lana, nós gostamos muito de você e somos seus amigos. Mas, um dia você terá que voltar a viver com os cachorros. Este é seu destino. Você não poderá fugir do seu destino sempre!

Lana ouviu as palavras de Mimi. Apesar de triste, balançou a cabeça em sinal de concordância:

- É verdade! Eu entendo. Mas, espero que este dia esteja bem longe!

E todos riram e se abraçaram. Lana sentiu um pouco as unhas de seus amigos, mas já estava acostumada.

E Mimi fez, ainda, outra pergunta:

- Lana, você ainda não se interessou por, digamos, outro cachorro da rua? Existem tantos! Um deles, com certeza, um dia fará o seu tipo! E você é muito bonita, apesar de estar um pouco descuidada.

Lana olhava envergonhada e não respondia.

E Mimi teve uma ideia:

- Gataiada! Por que não tentamos dar um banho na Lana?

- Um banho? Faz tanto tempo que não tomo um gostoso banho!
Respondeu Lana.

- Dar banho, mexer com água? Nem pensar. Gatos odeiam água, você se esqueceu disto? Respondeu Arrepiado.

- Concordo! Eu estou fora desta! Disse Bigode.

Mimi tinha um plano:

- Eu tenho uma ideia! Aqui perto tem um Pet Shop. Eu acho que podemos tentar entrar com a Lana na sala de banho e tosa sem sermos vistos!

E Lana imediatamente respondeu:

- Ah, não! Eu não quero me arriscar assim.

Mimi insistiu:

- Lana, veja bem. Um cachorro a mais ou a menos não causará nenhum prejuízo ao Pet Shop!

- Mas, como eu vou entrar lá? Perguntou Lana.

- Deixe comigo! Arrepiado e Bigode, eu vou precisar de vocês e somente vocês dois neste dia.

E, assim, em um belo dia, Mimi, Arrepiado, Bigode e Lana, muito assustada e insegura, se dirigiram ao Pet Shop.

E Mimi coordenou o plano:

- Bigode e Arrepiado. Vocês entram, dirijam-se à sala de Tosa e Banho e procurem distrair os cachorros que estão na sala de espera.

- Ah, isto será muito fácil para nós! Disse Arrepiado.

Bigode estava querendo mais era ir embora. Mas, agora não tinha mais jeito.

Enquanto Lana esperava na porta do Pet Shop, atrás de uma planta no jardim, Bigode e Arrepiado correram aos miados para a sala de espera.

Lá diversos cachorros aguardavam para ser tosados e tomar banho ou, simplesmente, tomar banho.

E foi um Deus nos acuda!

Os cachorros corriam atrás de Arrepiado e Bigode, que fugiram para a rua.

O operador da Tosa e Banho gritava apavorado, chamando os cachorros de volta:

- Voltem todos aqui! Who let the dogs out? As madames vão me matar! Gritava ele apavorado. Socorro!

E Mimi gritou para Lana:

- Corra, Lana! Vá para a sala de espera e fique calma! Mostre-se segura e que está tudo bem com você! Não fique nervosa para o rapaz não perceber que você furou a fila!

Depois de alguns minutos, o operador de Tosa e Banho conseguiu colocar todos os cachorros de volta à sala de espera. Ele, ainda, estava assustado, mas aliviado.

A esta altura, Bigode e Arrepiado já tinham sumido de lá!

Mimi aguardou e acompanhava de cima do coberto do Pet Shop.

O operador da Tosa e Banho, após lavar o primeiro da fila, olhou para a Lana. Ela era a segunda da fila.

- Não me lembro de ver esta cachorra aqui! Nossa! Como ela está suja! Está precisando de um bom banho e de uma boa tosa! Como pode uma madame ter uma cachorra deste jeito! Coitada!

E foi a vez de Lana. Ela se mostrou totalmente à vontade na sala de banho e não se incomodou com a tosa. Ela parecia estar muito acostumada com este tratamento.

Ficava claro que não era a primeira vez que Lana tomava um banho e se deixava tosar em um Pet Shop.

Lana ficou linda! Ela era toda branquinha. E ficou confirmado que era um Poodle. O operador da Tosa e Banho colocou um laço vermelho ao redor de seu pescoço que lhe deu um grande charme.

- A poodle já está pronta! Gritou o operador da Tosa e Banho para o pessoal do atendimento e transporte de cachorros.

E foi quando Mimi desceu do telhado do Pet Shop e gritou para Lana:

- Corra, Lana! Agora é a sua vez de escapar daí!

E quando Lana se preparava para correr, entrou na sala de espera um lindo cachorro da raça Cocker Spaniel. Os dois se trombaram e Lana derrubou o inesperado visitante no chão.

Ao se levantarem, os dois se olharam carinhosa, profunda e longamente. Seus olhos ficaram ternos e românticos.

Lana sentiu algo diferente em seu coração. Ele disparava com um relógio. E o coração de seu misterioso amigo, também.

Foi um amor à primeira trombada!

Quando ela se preparava para correr novamente, simplesmente ouviu dele:

- Espere, não se vá! Meu nome é Lorde. Como você se chama, onde você mora?

Lana se limitou a olhar para trás, parando por alguns instantes, olhou triste para Lorde, mas com carinho, e tratou de fugir do local, acompanhada por Mimi, que gritava:

- Espera por mim! Espera por mim!

No Pet Shop, Lorde tomou seu banho semanal. Em seguida, um motorista particular, com um luxuoso carro, o levou para a casa onde morava.

A casa onde Lorde morava era próxima à construção abandonada onde Lana vivia com os seus amigos gatos.

E a vida de Lana não foi mais a mesma depois daquele encontro com Lorde.

E a vida de Lorde também não foi!

Lana chegou sem fôlego ao seu abrigo. Ela correu direta para a lata com água para matar a sede. Ela somente parou de beber ao ouvir a choradeira de Arrepiado e Bigode.

- Ah, nunca mais eu volto naquele Pet Shop! Chorava Arrepiado.
- Eu também não! Reclamava Bigode.

Arrepiado lamentava a mordida que um dos cachorros dera em seu rabo. Ele estava ferido e inchado.

Bigode perdeu metade de seus pelos do bigode na confusão com os cachorros.

Lana agradeceu:

- Meus queridos amigos. Eu sou muito grata a vocês pela força que me deram. Sem vocês eu não teria conseguido tomar meu banho e me livrar daqueles pelos sujos!

Os gatos amigos de Lana acharam que ela ficou muito linda e charmosa. Ela nem parecia mais uma almofada de lã.

Mas, apesar disto, Arrepiado e Bigode repetiram:

- Realmente, você ficou muito bonita! Mas, não tem uma próxima vez! Estamos fora deste esquema. Nós quase morremos! Diziam os amigos já um pouco mais calmos.

Mas, Lana estava ao mesmo tempo triste. Ela respirava fundo, ficava deitada, não queria comer.

- Vamos Lana atrás de nosso jantar. Logo a noite chega! Dizia Mimi e seus amigos gatos.
- Não, eu não vou desta vez. Eu não estou com fome. Vão vocês! Dizia Lana, respirando fundo novamente e com um olhar vazio.
- Mas, o que será que ela tem? Não ficou contente em tomar banho e ser tosada? Ah, estes cachorros são estranhos mesmo! Dizia Arrepiado.

Mimi olhando para Lana com carinho, disse:

- Meninos, eu sei o que ela tem. Vão vocês. Eu vou ficar aqui com ela.

Quando os gatos saíram à cata de comida nas latas de lixo, Mimi conversou com Lana:

- Amiga, você está assim por causa daquele cachorro que você derrubou na trombada que deu com ele. Estou certa?

Olhando carinhosamente para Mimi, suspirando novamente fundo e com um olhar triste, Lana respondeu:

- Mimi, eu acho que foi de tudo um pouco. Eu tomei meu banho que estava com saudades. Tosei meus pelos que escondiam minha raça e me davam muito calor. E, depois, conhecer aquele lindo cachorro de raça, o tal de Lorde mexeu comigo. Ele era diferente dos outros cachorros de rua. Era educado, fino, gentil. E ele olhou para mim com um olhar...

- Amiga, você está amando! É isto que está acontecendo com você! Respondeu Mimi.

Em seguida, ela completou:

- Olha, Lana. Não vamos ficar aqui esperando este seu príncipe encantado aparecer. Ele fica preso na casa onde mora. Ele não é um cachorro de rua. Então, como diz o ditado: 'Se a montanha não vem a Maomé, Maomé vai à montanha!'. Amanhã cedo vamos conhecer melhor este Lorde.

- Que nome esquisito! Não seria mais fácil a madame ter colocado simplesmente o nome de Marrom, já que ele é todo marrom? Disse Mimi, rindo.

Lana deu um leve sorriso, não concordando:

- Mimi, cachorros com pedigree e de raça pura têm estes nomes diferentes mesmo. Eu conheci vários deles!

- Você conheceu vários cachorros assim? De onde? Quis saber Mimi. Lana disse simplesmente:

- Mimi, deixe para lá. Um dia conversaremos a respeito. É uma longa história.

Quando já anoitecia, os gatos voltaram para o abrigo. Eles traziam alguns pedaços de carne e de frango. Mimi comeu alguns pedaços, mas Lana ainda estava sem fome e foi dormir, seguida por Mimi.

No dia seguinte, a cena se repetia.

Um lindo sol e um céu alaranjado davam as boas vindas a um novo dia.

Os pássaros cantavam com maior entusiasmo e seus cantos eram mais longos. A primavera havia chegado.

E esta era uma forma que eles tinham para atrair alguma fêmea e poder formarem casais. A primavera é a estação do amor entre os animais.

Mimi acordou Lana, dizendo:

- Lana, acorde! Já é dia! Vamos! Hoje vamos conhecer onde o Lorde mora! Quem sabe fazemos uma amizade com ele. Quero dizer, quem sabe você faz uma amizade com ele. Como gata, eu não tenho esta esperança!

Lana se entusiasmou. Após algumas voltas nas latas de lixo para um rápido café da manhã, as duas se dirigiram à praça. Lá, as donas ou os empregados costumavam levar os cachorros de raça para passear.

Quem sabe na praça encontrariam o Lorde.

Lana ainda estava limpinha e toda branca, trazendo no pescoço o seu lenço vermelho. Ela procurou não se sujar. Mas, sabia que, mais tarde ou mais cedo, estaria suja novamente e com os seus pelos crescidos. Voltaria a ser a almofada de lã que se move.

A praça estava cheia de cachorros de todas as raças. Alguns estavam soltos, outros eram trazidos pelas guias por suas donas ou criados. Os mais bravos, como o Pitbull, passeavam com focinheira para não morder ninguém.

- Coitados! Deve ser difícil respirar com estas focinheiras! Pensava Lana.

Mimi se escondia nos arbustos. Ela não poderia aparecer para aquela cachorrada, senão causaria uma grande confusão na praça.

Assim, Lana passeava pela praça livre e solta, olhando para todos os lados.

De longe, Mimi observava seus movimentos.

Quando visitava esta praça, Lana era desprezada pelos cachorros de raça por ser cachorra de rua. Assim, ela conheceu, por várias vezes, o que era discriminação...

Lana estava quase desistindo quando ouviu um chamado:

- Oi, você por aqui? Não vá me dar outra trombada, heim!

Ao olhar para trás, Lana viu Lorde. Ele passeava solto e o criado acompanhava de perto por onde ele andava.

Lana fingiu que não notara sua presença, dizendo:

- É, eu costumo passear por aqui quando tenho tempo!

- Qual é o seu nome? Você ainda não me disse!

- Lana!

- Lana! Um nome bonito. Você ainda se lembra do meu?

- Não, não me lembro! Disse Lana, fingindo não se lembrar.

- Eu sou o Lorde! Está lembrada agora?

- Ah, sim! Agora me lembro!

- Lana, você não gostaria de conhecer onde moro? Depois eu gostaria de conhecer onde você mora!

Lana gelou. Ela não queria mostrar ao Lorde onde ela morava. Além do mais, seus amigos gatos não toleravam a presença de cachorros por perto.

- Qualquer dia eu vou sim. Mas, agora tenho que ir. Minha dona já está me esperando no carro.

Dizendo isto, Lana saiu em disparada rumo ao abrigo. Lorde queria correr atrás. Mas, o criado colocou a guia novamente ao redor de seu pescoço e o levou de volta para casa.

Mimi, que a tudo acompanhava de longe, seguiu Lorde para descobrir onde ele morava.

E Mimi ficou conhecendo a casa onde Lorde morava. O portão de entrada era feito em ferro e todo decorado. A casa tinha um grande jardim e a casa ficava no fundo do jardim.

Quando entrou no portão, o criado soltou Lorde novamente, que correu em direção à casa. Ele estava com fome e sede.

Lá dentro, havia uma casinha feita somente para ele de tijolos e muito confortável.

Ao lado de sua casa, Lorde podia encontrar sempre uma vasilha com água limpa e ração de primeira qualidade à sua espera.

Mimi se aproximou do portão, deu uma última olhada e saiu em disparada de volta ao abrigo na construção abandonada.

Ela não via a hora de contar para Lana as novidades.

Ao chegar, ela não perdeu tempo:

- Lana, eu descobri onde Lorde mora. Vamos lá! Eu te mostro onde é!
- Ah, não sei se devo ir! Eu não quero ser intrometida! Respondeu Lana.
- Mas, Lana. O Lorde te convidou para ir lá, lembra-se?
- Bem, é verdade. Vamos dar somente uma olhada e voltar rápido.

Lana procurou ajeitar seus pelos brancos e sua fita vermelha. E as duas amigas se dirigiram à rua da casa onde morava Lorde.

Lorde tomava sol descontraído no gramado do jardim. Mas, tão logo Lana se aproximou do portão, ele sentiu seu cheiro e correu em sua direção:

- Lana, que bom que você veio! Vou latir para minha dona abrir o portão.

Lorde começou latir sem parar chamando a atenção da sua dona e seus criados dentro da casa.

Ao ver do que se tratava, um dos criados disse à madame:

- Senhora, o Lorde está latindo no portão para uma cadelinha. Eles estão se cheirando, se lambendo e abanando os rabos. Parecem se conhecer e estão muito felizes de se verem. Devo deixar a cachorrinha entrar?

E a madame respondeu imediatamente:

- De jeito nenhum! Não quero cachorros de rua aqui em casa. Eles podem transmitir doenças ao meu querido Lorde. Vai lá e afugente esta cadelinha do portão. Se precisar, jogue água nela com a mangueira. Dê um susto nela para que não volte mais!

Contra sua vontade, o criado teve que obedecer a sua patroa.

Ao se aproximar do portão, Lorde ainda disse à Lana;

- Lana, lá vem o criado. Ele vai abrir o portão para você. Quero que conheça minha casa!

Mas, não foi bem isto que aconteceu. O criado começou a gritar com Lana para que fosse embora. Lana ficou confusa. Como ela demorou para sair da frente do portão, o criado pegou a mangueira do jardim e começou a jogar jatos de água nela.

Molhada e humilhada, Lana se retirou correndo da frente do portão, em busca de seu abrigo.

Mimi do alto da árvore chorou ao ver esta cena.

Lana ainda ouvia Lorde falar:

- Lana, espere, espere! Acho que houve algum mal entendido. Volte!

Lorde, que costumava ser um cachorro educado, olhou para o criado, latiu e deu uma mordida em seu calcanhar. Era uma forma de vingar o que ele tinha feito à Lana.

Assustado, o criado saiu correndo para dentro da mansão.

- Alberto, você se livrou da cadelinha que estava na frente do portão? Perguntou a madame.

- Livrei-me sim, senhora. Eu fiz como a senhora mandou. Ela saiu correndo e toda molhada. Acho que não volta mais! Mas, eu ganhei uma mordida do Lorde em meu calcanhar!

- Uma mordida em seu calcanhar! Ah, que engraçado. O Lorde nunca tinha feito isto antes. Mas, até que você merece! Respondeu a madame, se retirando aos risos.

Quando Mimi chegou no abrigo, Lana já estava lá.

E Lana estava chorando muito, sentindo uma profunda tristeza e mágoa pela humilhação que passou:

- Mimi, eu nunca mais vou naquela casa. Eu nunca mais quero ver o Lorde!

- Mas, Lana. Pense bem. Ele não teve culpa. Foi o criado que fez aquilo. Talvez, seguindo ordens da patroa. Mas, bem que Lorde deu uma mordida no seu calcanhar. Respondeu Mimi.

- Ele fez isto? Perguntou Lana, levantando a cabeça com curiosidade.

- Sim, ele fez. Ele latiu para o criado e mordeu seu calcanhar. Isto foi uma prova que ele não gostou do que o criado fez com você! Esclareceu Mimi.

Algumas semanas se passaram. A rotina do abrigo voltou ao seu normal. Lana levantava cedo com seus amigos e ia em busca de comida nas latas de lixo.

Em pouco tempo, ela estava parecendo uma almofada de lã novamente. Seus pelos cresceram e estavam sujos de terra e gordura.

Ela já não parecia mais um poodle.

Parecia que Lana não se importava mais com sua aparência.

Uma tarde Lana teve uma surpresa em seu abrigo.

Lorde aproveitou um passeio na praça para farejar a trilha que podia levá-lo aonde estava Lana. Quando o criado o soltou da guia, ele se afastou rapidamente, seguindo o cheiro deixado por Lana.

O criado, desesperado, gritava:

- Lorde, volte aqui! Pelo amor de Deus! A madame vai me matar!

E não foi difícil Lorde descobrir onde Lana se encontrava. Cachorros têm um bom faro. Quando Lorde entrou no abrigo, os gatos tentaram afugentá-lo com miados altos e arrepiando seu pelo.

Mas Lorde estava determinado. Ele arreganhou os dentes, mostrando o poder de suas mandíbulas, rosnou e enfrentou os gatos.

Os gatos, apavorados, trataram de fugir por todos os cantos. Alguns saíram pelas aberturas das portas, outros pelas janelas, outros correram pelo telhado.

Parecia uma chuva de gatos!

Sozinho, ele continuou farejando para encontrar Lana. Ele sentia que ela estava por perto.

Lana se escondia atrás de uma pilha de madeira de construção, assustada e envergonhada da presença de Lorde.

Ela não queria que ele a visse com pelos compridos e sujos e soubesse como ela morava.

Mas, rapidamente, Lorde encontrou Lana.

Ele estranhou no início. Pensou até que fosse outra cachorra. Ela estava bem diferente com seus pelos compridos e sujos.

Mas, o cheiro da Lana a identificava para ele:

- Lana, o que você faz aqui?

- Eu moro aqui!

- E o que aconteceu com você? Por que não está tosada e limpa? Os gatos a estavam mantendo prisioneira aqui?

- Não, os gatos são os únicos amigos que tenho!

- Lana, eu quero que você me desculpe pelo incidente na porta de minha casa. Aquele criado estava cumprindo ordens de minha patroa. Ela não gosta de cachorros de... Desculpe! Ela não gosta que eu faça amizade com outros cachorros.

- Você quis dizer cachorro de rua, eu entendi! Disse Lana.

- Lana, nós cachorros precisamos entender que não somos totalmente livres. Temos que viver de acordo com o que nossos donos querem.

- Eu entendo isto perfeitamente. Agora, Lorde. Se me der licença eu tenho que ir. É hora do almoço e tenho que achar minha comida nas latas de lixo.

- Nas latas de lixo? Mas, você não come ração, não tem ninguém que cuida de você. Algum humano?

- Não, agora não tenho mais.

Dizendo isto, Lana se afastou do abrigo em direção à rua. Ela evitou olhar para Lorde.

Lorde, triste e desorientado, acompanhou com o olhar Lana até ela sumir na esquina e voltou para a praça, para alívio do criado.

Lana tinha perdido as esperanças.

Ela mostrava isto no seu silêncio e em seu olhar. Os gatos procuravam animá-la, porém sem resultado:

- Lana, veja a bolinha que achei no lixo. Não quer brincar com ela? Perguntava Arrepiado.

- Lana, veja que belo pedaço de osso. Ainda tem restos de carne nele. Não quer roê-lo? Eu dou para você! Dizia Bigode.

- Lana, veja que laço bonito eu achei na calçada. Quer que eu amarre em seu pescoço? Dizia Mimi, tentando animá-la.

Mas, nada tirava Lana de sua tristeza.

Uma tarde, aconteceu algo terrível. Lana simplesmente desapareceu!

Os seus amigos gatos a procuraram por toda parte, rua por rua, beco por beco, praça por praça, e nada.

E foi quando viram Lana dentro de um caminhão com uma carroceria fechada com grades. Eram os homens da carrocinha, aqueles que retiram cachorros das ruas. Lana seria levada ao canil da prefeitura.

Os gatos se apavoraram!

- Arrepiado, eu estou com medo. Dizem que os cachorros que são presos e não são procurados pelos seus donos são sacrificados e transformados em sabão! Gritou Bigode.

- Não, isto não deve ser verdade. Eu acho que eles ficam lá até seus donos aparecerem. Se isto não acontecer eles são dados para adoção. Mas, o que será que podemos fazer por Lana? Perguntou Arrepiado.

- Eu não sei, eu não sei. O canil é muito bem vigiado. E é muito difícil gatos entrarem lá. Lamentava Mimi.

Alguns dias depois, os gatos estavam na calçada perto do abrigo da construção abandonada, quando viram um homem afixar avisos nos postes e nos muros.

Ao se aproximarem, eles tiveram uma grande surpresa.

O aviso dizia assim:

POODLE FÊMEA DESAPARECIDA

AJUDE-NOS A ENCONTRAR COOKIE

CRIANÇA DOENTE EM CASA

ELA DESAPARECEU MISTERIOSAMENTE

GRATIFICA-SE COM R\$ 20.000,00

TELEFONE: 35678-27895

RUA DAS ALAMEDAS, 12345 - PRAÇA DO JARDIM

Ao lado do aviso tinha uma foto da cachorra desaparecida.

- Olha! É a foto da Lana! É a Lana! Gritava Mimi.
- È mesmo! Só pode ser ela! Confirmava Arrepiado.
- Tenho a certeza que é ela! Ela é exatamente assim como está na foto, quando fez tosa e tomou banho! Disse Bigode.
- Mas, o aviso diz que o nome do Poodle é Cookie! Falou Mimi.
- Mas, este deve ser seu apelido! Tentava explicar Arrepiado.

No abrigo, os gatos pensavam em uma forma de se comunicar com a dona da Lana, ou melhor, da Cookie.

E eles falavam do mistério que envolvia a vida de Lana.

‘Como foi que ela desapareceu do jardim de sua casa?’.

‘Por que o aviso diz que ela se chama Cookie e agora ela se chama Lana?’.

‘Onde o menino Fiote a encontrou?’.

‘Quem era a menina que estava doente por causa de seu desaparecimento?’.

‘Quem era sua dona e onde morava?’.

Mas, a maior preocupação dos gatos amigos de Lana era avisar, de alguma forma, a sua dona.

Afinal de contas, ela estava presa no canil da prefeitura e poderia ser adotada e ir para longe.

E Bigode continuava acreditando que ela poderia até virar sabão!

E, assim, Mimi tomou para si a coordenação da operação de salvar Lana.

- Gataiada! Não vamos ficar aqui parados! Precisamos fazer alguma coisa para tirar Lana do canil. Arrepiado, Bigode, eu vou precisar da ajuda de vocês!
- Mimi! Nem pensar! Se você pensa que vou entrar naquele canil para fazer outra confusão, eu não vou mesmo! Até agora meu rabo esta doendo! Disse Arrepiado.

- E, também, não conte comigo. Somente agora os pelos do meu bigode estão nascendo novamente! Respondeu Bigode.

- Não, nós não vamos entrar no canil. Eu preciso da ajuda de vocês para telefonar para a dona da Lana. Vamos tentar? Ali tem um orelhão.

Mimi, Arrepiado e Bigode se dirigiram ao orelhão próximo. Bigode saltou em cima do aparelho de telefone, tirando o fone do gancho. Arrepiado se posicionou para discar. Mimi faria a ligação.

- Arrepiado, disque os números: 3...5...6...7...8...2...7...8...9...5

- Atenção! Estão atendendo! Disse Mimi.

Alguém do outro lado da linha atendeu e Mimi disse:

- Alô! Eu sou amiga da Lana, a Cookie. Eu sei onde Lana está!

Dona Alzira, dona da Cookie, atendeu o telefone e desligou desanimada, dizendo:

- Mais um trote! A gente está aqui esperando uma ligação que possa nos ajudar encontrar Cookie e estas crianças ligam passando trote!

- O que aconteceu, mãe? Disse Cecília.

- Ah, minha filha! Não falaram nada. Apenas tinha alguém miando feito gato. Ele miava tanto e parecia desesperado.

- Como assim, mãe? Como ele miava?

- Ah, algo assim: Miauu, miauuuuuu, miau, miau, miauuuu, miau, miauu, miauu, miau, miau, miauuuuuuuu! Respondeu Dona Alzira.

E, apesar de muito tristes, as duas acharam até graça.

Mimi não sabia. Mas, os humanos não entendem a linguagem dos gatos!

Mimi pediu para Bigode colocar o fone no gancho e os três saltaram para o chão. Mas, Mimi não era de desistir assim tão fácil.

Lá na casa de Lorde, a madame, dona de Lorde, tinha nome também. Ela se chamava Dona Suzie.

E, como fazia todas as manhãs, procurava brincar com Lorde no jardim. Ela costumava jogar uma bolinha e outros brinquedos para Lorde pegar e trazer de volta.

Mas, Lorde não queria saber de nada. Há dias, ele permanecia dentro de sua luxuosa casinha, triste, deprimido, suspirando fundo, deitado o tempo todo, comia muito pouco.

A Dona Suzie começou a ficar preocupada com Lorde. Ela chamou até um veterinário para cuidar dele:

- Dona Suzie, o Lorde, aparentemente, não tem nenhuma doença. Ele parece que está muito infeliz. Algo deve ter acontecido que o deixou muito triste. Eu vou dar uma injeção de vitamina para ver se ele melhora o seu estado de ânimo. Disse o Médico-Veterinário.

E o coitado do Lorde, além de triste e deprimido, ficou com dor no bumbum da injeção que tomou.

Mas, a injeção não mudou o seu comportamento.

O que a Dona Suzie não sabia é que Lorde estava morrendo de saudades da Lana e preocupado com o seu desaparecimento.

Quando Lorde passeava todos os dias pela praça, ele tentava sentir o cheiro da Lana, sem sucesso. Ele chegou até ir ao refúgio dela na construção abandonada. Mas, teve que sair correndo de lá, afugentado pelos gatos.

Mimi, voltou à carga:

- Arrepiado, Bigode. Vamos até a casa da dona da Lana! Peguem os avisos do desaparecimento da Cookie, nossa amiga Lana.

E lá foram os três amigos gatos em direção à Praça do Jardim. Eles conheciam muito bem esta praça.

Era uma praça pequena, geralmente frequentada pelos gatos. Os cachorros não passeavam por lá por ela ser muito pequena e cheia de plantas.

O problema dos gatos era encontrar a tal Rua das Alamedas, 12345. Mas, como os gatos têm um sexto sentido, esta tarefa não foi muito difícil.

Mimi, Arrepiado e Bigode percorreram casa por casa, até encontrar algum cheiro, alguma pista que os levassem à casa da Lana.

E, em uma esquina, sentiram o cheiro da Lana. Era uma enorme mansão, com imensos jardins, a casa ficava bem no fundo do terreno e tinha até uma rua dentro para os carros chegar até a porta da casa.

Nos jardins, uma menina brincava. Ela parecia muito triste.

Como não havia cachorros nos jardins, os três gatos entraram e cada um trazia na boca o aviso do desaparecimento da Cookie.

Ao ver os gatos, a menina Cecília imediatamente foi ao seu encontro, gritando para sua mãe:

- Mãe, veja! Tem três gatinhos no jardim. E eles estão com alguma coisa na boca.

Dona Alzira foi ver do que se tratava. E ela estranhou a presença dos gatos.

Quando ela se aproximou, viu que eles traziam na boca os avisos do desaparecimento da Cookie.

E Mimi começou miar baixinho para a Dona Alzira, dando voltas ao seu redor, pegando sua saia e puxando em direção ao portão. Arrepiado e Bigode faziam a mesma coisa com a menina Cecília.

No começo ela ficou assustada, mas logo percebeu que os gatos queriam levá-la para algum lugar.

- Mãe, parece que eles querem que a gente os siga.

Mimi, continuava miando e puxando Dona Alzira pela saia em direção ao portão.

- Minha filha, você tem razão. Parece que eles querem nos mostrar alguma coisa. Vamos segui-los.

Quando Dona Alzira e Cecília começaram andar em direção ao portão, Mimi, Arrepiado e Bigode se colocaram em marcha, um atrás do outro, como dizendo:

- Vamos lá! Sigam a gente!

O canil ficava algumas quadras da Praça do Jardim. Não era longe da casa de Lana.

Dentro do canil, Lana ficava deitada o tempo todo, muito triste. E ela recordava os bons tempos em que vivia em uma mansão. Lá, ela tinha conforto, boa ração, o carinho de uma menina que gostava muito dela.

Ao chegarem no canil, os três gatos jogaram os avisos no chão, perto do portão de entrada.

Dona Alzira ficou arrepiada, quase igual ao Arrepiado.

- Meu Deus, não é possível. Parece que os gatos sabem que a Cookie está neste canil e quiseram nos mostrar. Será possível isto?

Cecília com lágrimas nos olhos não se conteve:

- Então, vamos, mãe! Vamos!

Enquanto Cecília corria em direção ao canil, louca para encontrar Cookie, Dona Alzira se dirigia à Recepção do Canil, procurando orientações.

Dona Alzira disse ao zelador que tinha perdido uma cachorra da raça Poodle e que ela poderia estar lá.

Um zelador do canil acompanhou Dona Alzira que, junto com Cecília, percorreram canil por canil, onde dezenas de cachorros estavam presos.

Os três gatos se refugiaram no alto da árvore da calçada.

- Este não é. Este não é. Este também não. Esta não é. Este Poodle é muito grande. Este também não é.

Dona Alzira não achava Cookie.

Em dado momento, ela viu uma cadelinha toda peluda, parecia uma almofada de lã que andava. E ela disse:

- Esta também não é! Não parece ser um Poodle.

Lana, que estava deitada e triste, levantou-se ao sentir a presença de Dona Alzira e Cecília e começou a latir e chorar desesperadamente. E Dona Alzira disse:

- Cecília, ela gostou da gente. Mas, esta não é a Cookie. Infelizmente, ela não está aqui. Vamos embora!

Antes de ir embora, Cecília ainda deu um biscoito para Cookie. Ela se chamava assim por gostar muito de biscoito. Biscoito em inglês é Cookie.

Cookie pegou o biscoito, brincou com ele primeiro como costumava fazer e depois comeu.

Ela continuou latindo e chorando, pulando no canil, procurando chamar a atenção de Cecília e Dona Alzira, como se dissesse: 'Sou eu, a Cookie. Sou eu! Vocês não estão me reconhecendo?'.

Mas, tristes e desconsoladas, Dona Alzira e Cecília andaram em direção da saída do canil.

Cookie se desesperou e começou a uivar, uivar como se estivesse cantando.

- Mãe, este uivo é da Cookie. Ela sempre fazia assim quando eu tocava piano. Lembra-se. É ela. Agora eu sei que é ela! Disse Cecília.

Dona Alzira voltou, abaixou-se na porta do canil e chamou a almofada de lã que se movia:

- Cookie, Cookie, querida. É você?

Cookie lambia a mão de Dona Alzira com grande alegria, continuando a latir e chorar.

Dona Alzira e Cecília não tinham mais dúvidas - tinham achado sua pequena e querida Cookie.

Aos prantos, Cecília saiu com Cookie no colo. Do alto da árvore da calçada, Mimi e seus amigos acompanhavam Cecília em seu choro. E seguiram Cookie e seus donos até a mansão.

Como gatos não sabiam o que fazer com o dinheiro dos humanos, Dona Alzira deu a recompensa de R\$ 20.000,00 para o canil. Com este dinheiro, eles poderiam fazer reformas de melhoria e comprar boas rações para todos os cachorros que aguardavam por adoção.

(‘Antes de virar sabão!’ Pensou Bigodel!).

Finalmente, Cookie para Dona Alzira e Cecília e Lana para Mimi, Arrepiado e Bigode, chegou à sua antiga casa.

Ela estava muito feliz. Corria por todos os cantos, cheirava cada cantinho do jardim, foi ver sua casa e matou a saudades de uma boa razão.

No mesmo dia, Cookie foi levada ao Pet Shop para um bom banho e uma boa tosa. Ela estava precisando muito.

Cookie saiu do Pet Shop como sempre fora, toda branquinha, cheirosa e com o laço vermelho ao redor do pescoço.

Seus dias de agonia na rua terminaram.

Antes de ir embora, os seus amigos gatos tiveram a oportunidade de esclarecer o mistério do desaparecimento de Lana:

- Lana, como você desapareceu do jardim de sua casa? Perguntou Mimi.

- Bem, eu estava próxima do portão um dia. Dois homens me chamaram. Eu pensei que fosse para receber algum carinho. Eles me pegaram e me levaram. Eu fui parar em um lugar longe de casa, onde tinham muitas casas de madeira. Um dia, consegui fugir e fiquei vagando pelas ruas. Até que encontrei um menino muito bonzinho, o Fiote. Ele estava catando latinhas de alumínio e papelão nos lixos das casas quando me viu. Ele me colocou no carrinho de mão e me levou para sua casa na favela. O resto vocês já sabem...

- E por que o nome Lana? Insistiu Mimi.

- Ah! Esta é uma história engraçada. Quando Fiote me levou para morar na favela, eu vi lama pela primeira vez. Eu nunca tinha me jogado na lama, não sabia o que era isto. Assim, entrei em uma poça de lama, brinquei, me esfreguei na lama. Eu achei muito gostoso sentir aquela terra molhada e geladinha em meu corpo. Estava muito calor. Quando sai, Fiote disse: 'Nossa, você está parecendo a própria lama!'. E ele começou a me chamar de Lama. Lama, daqui. Lama, de lá. Assim, passei a me chamar Lama. Mas, quando os outros cachorros perguntavam o meu nome eu falava que me chamava Lana. Eu tinha vergonha de ser chamada de Lama!

Mimi riu desta história.

Os três amigos estavam se despedindo de Cookie quando Cecília pediu para sua mãe:

- Mãe, vamos ficar com estes gatinhos? Eles são tão bonitinhos e nos ajudaram a encontrar Cookie.

Dona Alzira estava tão feliz por Cecília e por Cookie que concordou na hora.

Entretanto, após algumas semanas vivendo na casa, comendo a melhor ração para gatos e tendo cada um sua cama para dormir, Arrepiado disse para Bigode:

- Sabe Bigode. Eu estou bem aqui. Como bem, sou bem tratado, tenho uma cama quente para dormir. Mas, eu sinto que esta vida não me pertence. Eu estou com saudades das ruas, das brigas com os cachorros, da luta diária pela vida, das surpresas ao abrir as latas de lixo procurando comida, do nosso cantinho na construção abandonada...

E Bigode silenciou, olhou para Arrepiado e disse:

- Amigo, posso confessar um coisa? O mesmo está acontecendo comigo!

- Então, por que não vamos embora? Disse Arrepiado.

E os dois amigos gatos decidiram voltar à sua antiga vida.

Despedindo-se rapidamente de Mimi e Lana, os dois saíram correndo em direção às ruas da cidade grande e nem ouviram Lana gritar:

- Amigos, muito obrigado! Venham nos visitar quando quiserem!

Mimi preferiu ficar com Lana. De vez em quando, ela ia até o abrigo visitar seus amigos. Mas, sentia que morar na mansão com Lana era mais seguro e mais confortável.

Ao sair da casa para o jardim, onde se encontravam Lana e Mimi, Cecília estranhou a falta dos seus dois gatinhos:

- Onde estão os outros dois gatinhos?

Ela procurou por todos os cantos do jardim e da casa. Ela nunca ficou sabendo que os dois amigos optaram em viver a vida no ambiente que estavam acostumados. Por mais que poderia parecer estranho aos olhos dos humanos!

A rotina na mansão voltara ao normal. Lana estava muito feliz. Cecília mais ainda. Mimi ficava com ela o tempo todo na sua casinha de cachorro.

De vez em quando, Lana se lembrava de Lorde e ficava triste. Mas, a tristeza passava nos dias seguintes.

Da mesma forma, Lorde se recuperou. Voltou a brincar com Dona Suzie com a bolinha que ela atirava longe e ele corria para pegá-la de volta.

E, de vez em quando, Lorde também se lembrava de Lana. Mas, tocava sua vida em frente. Imaginava um dia encontrá-la novamente.

Muitos meses se passaram.

Um dia, Dona Alzira e Cecília inscreveram Cookie em um torneio de cachorros.

O torneio tinha como finalidade escolher e premiar as melhores representantes de várias raças de cachorros.

Cookie participaria da escolha da melhor representante da raça Poodle.

No Pet Shop, o operador de tosa e banho preparou a Cookie com muito capricho. Ela era um belo exemplar desta raça e tinha condições de ganhar o torneio.

Cookie ficou linda. Toda branca, tosada e penteada, cheirando um suave perfume.

O dia do torneio chegou. Todos estavam nervosos e ansiosos. Dona Alzira, Cecília e Cookie.

Mimi preferiu ficar tomando sol no jardim.

Já imaginaram uma gata aparecer bem no meio de um torneio de cachorros?

Quando Cookie se preparava para entrar no desfile e se apresentar perante os juízes, acompanhada por Cecília, ela viu Lorde chegar...

Mas, Lorde não estava sozinho. Uma fêmea da raça Cocker Spaniel caminhava ao seu lado.

Eles pareciam formar um casal.

Cookie gelou. Ela perdeu totalmente a concentração no desfile e queria ir embora. Ela puxava Cecília e se negava a entrar no desfile. Cecília tentava trazê-la com a guia de volta. Mas, Cookie se recusava. Ela latia e chorava.

Cookie queria sumir de lá. Não queria que Lorde a visse.

E não teve jeito.

Cecília disse para Dona Alzira:

- Mãe, a Cookie está assustada. Ela não quer entrar no desfile. Veja! O que vamos fazer?

- Bem, minha filha. Algo deve ter assustado Cookie. Faz tão tempo que ela não participa de desfiles que se assustou. É melhor a gente ir embora.

Dona Alzira era muito paciente. Além do mais, ela não queria trazer mais sofrimentos para sua querida Cookie.

Assim, todos voltaram à mansão, onde Mimi esperava ansiosa no portão. Cookie correu para dentro, procurando abrigo em sua casinha. E ficou lá quieta e triste. Mimi correu atrás de Cookie sem entender o que estava acontecendo.

Lá dentro da casinha de cachorro, Mimi ouviu da Lana o que tinha acontecido no desfile. Lana falou de Lorde e de sua companheira Cocker Spaniel.

- Sabe, Mimi. O que mais me deixou triste foi ver que Lorde estava feliz ao lado da cachorra da mesma raça. Ele me esqueceu, Mimi. Ele me esqueceu!

Mimi procurava consolar e acalmar Lana.

- Lana, eu não acho que Lorde esqueceu você. Na verdade, ele nunca esquecerá você, como você nunca o esquecerá.

- Mas, e aquela cachorra do lado dele? Perguntou Lana, ainda com lágrimas nos olhos.

- Aquela cachorra, com certeza, foi comprada pela madame, dona dele. Não foi uma opção dele, Lana. Os donos de cachorros de raça querem formar casais da mesma raça. Não é uma opção do cachorro casar, ou melhor, acasalar com a cachorra que quiser!

- É, mas eu estava com esperança que nós... Respondeu Lana, não completando sua frase.

- Eu sei Lana. Você se apaixonou e tinha esperanças de se acasalar com ele. Você sabia que em muitos países isto acontece também entre os humanos? Perguntou Mimi.

- Verdade? Como assim? Quis saber Lana.

- Sim, é verdade. Há muitos países e muitas civilizações onde os pais escolhem com quem a mulher deve se casar! Esclareceu Mimi.

- Se isto já é um absurdo para um cachorro, mais absurdo ainda é para os humanos, não? Disse Lana revoltada.

- Com certeza, amiga. Com certeza. Respondeu Mimi.

Entretanto, cachorros não têm instinto para ficar tristes e deprimidos por muito tempo.

É por esta razão que, mesmo quando as pessoas os maltratam, eles procuram sua proteção e amizade logo em seguida.

Assim, alguns dias depois, Lana já estava de volta à sua rotina na casa. Logo de manhã, ela brincava com Mimi, uma correndo atrás da outra. Era uma forma de aquecer os músculos da noite fria anterior.

Em seguida, ela comia sua ração, escolhida entre as melhores por Dona Alzira.

Às vezes, Lana sentia falta dos pedaços de osso, carne de boi, carne de frango e até peixe que encontrava no lixo! Mas, isto era coisa do passado.

E, após estes exercícios matinais, Lana esperava que Cecília acordasse. Após o café da manhã, Cecília costumava levá-la passear na praça.

Em um destes passeios na praça, Lana aproveitou que estava solta e resolveu dar uma corrida até o abrigo, o mesmo abrigo onde morara por muito tempo com os seus amigos gatos.

Ao chegar lá, Lana teve uma surpresa. O abrigo já não existia mais. A construção abandonada foi retomada e uma linda casa foi construída no local.

Lana se perguntava:

- Mas, onde será que estão meus amigos gatos? Onde eles moram agora?

Em seguida, Lana deu outra corrida, voltando para a praça. Na praça, Lana chamava muito atenção de todos os cachorros por sua beleza e jovialidade.

Principalmente, dos machos da mesma raça Poodle...

E foi em um destes passeios que Lana conheceu Comet, um belo exemplar da mesma raça. Os dois se cheiraram, deram pulinhos tentando brincar, se lamberam um pouco como sinal de amizade.

A dona de Comet, em certo momento, disse à Cecília:

- Olha como eles formam um lindo casal. Pergunte à sua mãe se ela não gostaria de deixar os dois acasalarem para ter filhotes! Fique como meu telefone! Se ela estiver de acordo, me ligue! Eu tenho um canil para reprodução de filhotes da raça Poodle.

Cecília perguntou para Cookie:

- Você ouviu isto, Cookie? Você não gostaria de ter lindos filhotes de Poodle?

Lana fingiu que nem ouviu esta conversa.

Mas, não deixou de se entusiasmar com a ideia de ver como seriam filhotes seus...

Alguns dias depois...

- Lana, esta é a vida dos cachorros de raça! Os seus donos decidem seus destinos. Se a Dona Cecília concordou em acasalar você com o macho

Poodle, não há nada que você possa fazer. Além do mais, já imaginou a gente ter alguns filhotes de Poodle aqui em casa, correndo com a gente pelos jardins?

Lana olhava um pouco envergonhada e com um leve sorriso de curiosidade.

Dona Alzira havia concordado no acasalamento entre Cookie e Comet, um belo exemplar reprodutor da raça Poodle.

Lana nada podia fazer. Afinal de contas, estas coisas eram decididas por sua dona. Mas, ao mesmo tempo, Lana aceitou ser reprodutora de filhotes Poodle.

E esta aceitação era maior quando ela se lembrava de Lorde e sua companheira Cocker Spaniel.

Por fim, Cookie se acasalou com Comet.

Após 63 dias, nasceram cinco lindos filhotes. Eles pareciam pequenas almofadas de pura lã branca.

Lana estava toda orgulhosa com seus cinco filhotes.

Cookie não sabia que, dentro de alguns meses, eles seriam vendidos nas lojas e Pet Shops. Nas mesmas lojas onde um dia ela foi comprada por Dona Alzira para dar de presente à sua filha Cecília.

Mas, esta é a vida dos cachorros...

Ignorando que perderia seus filhotes dentro de alguns meses, Lana passeava na praça toda orgulhosa e cuidadosa com seus filhotes.

E foi em um destes dias que Lana se encontrou com Lorde:

- Lana, você por aqui. Quanto tempo que eu não a via!
- É verdade. Desde quando me jogaram água fria na porta de sua casa! Disse Lana, ainda magoada.
- Lana, eu não tive culpa. Mas, eu dei uma bela mordida no calcanhar do nosso empregado! Mas, parece que você se acasalou! Perguntou Lorde.
- Sim, eu me acasalei! Da mesma forma que você! Respondeu Lana.

- Como assim? Eu nunca me acasalei! Por que você está dizendo isto?
Perguntou Lorde.

- Bem, na verdade, eu conheci sua companheira Cocker Spaniel no torneio de cães de raça. Você não se lembra?

- Eu não vi você neste torneio. Além do mais, a cachorra Cocker Spaniel que participou do torneio não era minha companheira, era minha irmã!

Lana parou petrificada. Ela nem notou que seus filhotes se espalhavam pela praça.

Lorde não tinha se acasalado. Na verdade, todo este tempo, ele esperava em encontrar Lana novamente e, quem sabe, com ela formar um casal.

Mas, o que Lorde também não sabia é que sua a Dona Suzie nunca permitiria um Cocker Spaniel se acasalar com um Poodle!

A vida prega peças e surpresas para os humanos, como também prega peças e surpresas para os nossos melhores amigos, os cachorros!

Na verdade, o amor entre Lorde e Lana era impossível de acontecer.

Apesar dos dois viverem em seus corações uma linda história de amor...

Lana nunca mais foi esquecida entre seus amigos gatos.

Longe da casa onde morava Lana, a gataida, como Mimi costumava falar, encontraram um novo abrigo debaixo de uma das pontes da cidade grande.

Era um local que somente gatos conseguiam ficar. Lá, além da comida nos lixos das casas, eles podiam encontrar todos os ratos que queriam para se alimentar.

E, quando se recolhiam à noite, costumavam lembrar-se de Lana e Mimi com saudades.

Eles se lembravam dos bons tempos em que podiam dormir aquecidos por uma almofada de lã que se movia e os protegia dos ataques dos outros cães...

FIM